

António Manuel Couto Viana

As
(e)vocações
literárias

estudos & memórias

Lisboa ● 1980

MANUEL LERENO

Muito recentemente, tinha-me confiado Manuel Lerenó o livro de poemas que acabara de editar, para que eu lhe desse, se possível, pública opinião sobre o seu valor. Não tenho banca de crítico em parte alguma e jamais exerci tal actividade. O principal motivo: falta de competência. Mas, porque me considero, isso sim, leitor atento de Poesia (por gosto e não por profissão); porque, de quando em quando, rabisco sobre ela algumas laudas desenfadadas e impressionistas, e porque me é difícil negar palavras de coragem a quem inicia os seus passos neste nosso mundozinho das Letras, turbulento e mesquinho quanta vez, senti-me incapaz de recusar à camaradagem do actor-declamador (agora autor, também) a simpatia de um claro, objectivo comentário. Mais a mais, Lerenó sabia-me a colaborar n'*O Dia* e, portanto, dispondo da gentileza de umas colunas para a publicação de tal comentário. Pensei, então, em esboçar um artigo sobre os declamadores-poetas portugueses. Tinha acabado de surpreender, nas páginas da revista *Civilização*, de Ferreira de Castro e Campos Monteiro, uma bela *Canção* assinada por João Villaret, e uma convicção começava a ganhar forma no meu espírito: a poesia dos artistas declamadores possui uma característica específica, acentuadamente declamatória, já que os seus autores, buscando para repertório as composições mais teatralizáveis, delas sofrem influências quando se metem a criar. E é o poeta que mais recitam aquele de que mais se encontra eco nos versos criados. É óbvio: a escolha insistente marca a preferência, mas uma preferência baseada nas possibilidades que as composições poéti-

cas revelam para uma variada, rica, dicção histriónica. A *Canção* de Villaret trazia-me à memória, com muita evidência, a inspiração de António Botto. Que poeta daria a mão à poesia de Manuel Lerenó? O folhear apressado de *Mãos de Vento* dita-me um nome: Álvaro de Campos. Mas, sublinhe-se: um folhear apressado. Porque a influência do heterónimo de Pessoa em Lerenó é apenas aparente. Há, pelo menos na forma, um curioso jogo de entrega-recusa, que, aliás, nem sempre resulta feliz. O versilibrismo branco de Álvaro de Campos, a que Lerenó começa a entregar-se, muito conseguidamente, breve é recusado por uma rima pouco natural, forçada mesmo. Exemplifiquemos: «Apetecia-me hoje receber um presente / uma esquisita dádiva de alguém / nada de material de valor / notem bem ...»; «O meu desassossego entra na substância de tudo / (Um vendedor apregoa o Universo mais barato) / e eu impaciente-me de viver / de existir / e resisto aos encontrões do mau trato». Etc. Nos dois poetas, um avô comum: Cesário. O descritivo do quotidiano, o deambular pela cidade, uma cidade detestada (pelo facto de ser cidade), como já David Mourão-Ferreira nos esclareceu, no seu estudo sobre o autor do *Sentimento de um Ocidental*, encontra-se igualmente em Lerenó: «A cidade é um cansaço de ruas e de gentes»; «As ruas enlouqueceram / fragmentaram-se em tiras / A cidade deve sofrer de pneumonia / não tem possibilidades de se salvar / nem com mil gritos de poesia». E sempre, como tónica, um tédio, um alheamento de quem está na vida sem lá se ter voluntariamente metido, sem gosto para lhe mexer (ao invés de Sá-Carneiro que suspira: «Gostava tanto de mexer na vida»): «Passeio por dentro de mim e encontro / esta angústia do nada que me enche a alma». O engenheiro por Glasgow também partilha de idêntico estado de alma: «Esta velha angústia, / Esta angústia que trago há séculos em mim, / Transbordou da vasilha, / Em lágrimas, em grandes imaginações». Outros versos com um travo à Álvaro de Campos dispersam-se por *Mãos de Vento*: «Se ao menos pudesse ler ou fumar / puxar do maço e tirar o cigarro / acender o fósforo e chupar a fumaça?». Fazem estes parte do poema que inicia o volume e se intitula *Piso 3 — Sala 7*. É, talvez, dos mais belos do conjunto. Foi a doença e a convalescência que o ditaram e ele exprime bem a monotonia do internamento hospitalar, o desânimo e a esperança, as visitas e a solidão. Esta dolorosa experiência de Lerenó soube gerar

poesia. Em contrapartida, a sua experiência de actor motivou-lhe uma das composições menos conseguidas: *Canção do que fui não sendo*, que não passa de um mero inumerado de personagens que interpretou no teatro. Lereno era alentejano, nascido, salvo erro, em Vila Viçosa. Mas também esta «experiência» o não enriqueceu poeticamente. O poema que dedica à sua província é de circunstância, sem a força da convicção, apenas para acertar o passo pela hora presente. O poeta mostra-se, normalmente, mais autêntico, nos poemas em que passeia por dentro de si, numa paisagem melancólica, enevoada, baça, quando «precisava de chorar mas não (tinha) de quê»; quando, da sua *Solidão*, podia aspirar:

*«Não sou o débil gemido
Nem o grito da montanha
Se ao menos eu fosse um verso
De Pessoa ou de Pessanha?!»*

Fora disto, uma *Pequena História* que merece transcrição, por ser exemplar no binómio fundo-forma, pela perfeita síntese da vida anónima, sem grandeza ou rastro:

*«O prédio ruiu
era velho
 não tinha habitantes
caiu lentamente sobre si próprio
As estrelas cintilaram em cima
 bem distantes
Um cão ladrou estranho e rouco

No dia seguinte ninguém reparou no velho prédio
Só o trânsito se desviou um pouco

Foi assim

Depois vieram homens com pás e picaretas
para levarem o resto*

FIM»

Manuel Lereno é, indubitavelmente, um poeta, uma sensibilidade receptiva a si e ao mundo, capaz de criar beleza. Atestam-no muitas das produções de *Mãos de Vento*. *Mãos de coisa nenhuma?* («Uma mão cheia de nada / Outra de coisa nenhuma» — diz a quadra popular.) Isso é humildade franciscana. As mãos existem com carne e sangue, genero-

sas em dar poesia, para que tudo seja fácil («Tudo será fácil / quando se abrirem as mãos egoistas e avaras»). Manuel Lerenó chegou ao nosso mundozinho das Letras. Partiu de nós, já. Diz num dos seus poemas: «Gosto de partir / Mas erro sempre nas chegadas, embora chegue constantemente». Creio que, desta vez, não errou, embora o tenha feito um pouco tarde e para nunca mais.

(20/2/1976)

Nota importante: É evidente que ainda não é este o artigo que pensei escrever sobre os nossos declamadores-poetas. Quando soube da morte de Manuel Lerenó, achei que só a ele deveria referir-se o texto em que se citasse *Mãos de Vento*. Maneira (ai de mim, modestíssima!) de prestar homenagem ao talento do actor, à sensibilidade do poeta. Homenagem sincera, sem «flores», porque me repugnam os goivos e as perpétuas dos necrológios acacianos. Lerenó pedira-me, num abraço: — «Não digas bem se te parecer mal. Dá-me, francamente, a tua opinião».

Não fiz outra coisa.